



## **Transposição das Representações Femininas do Velho Para o Novo Mundo**

**Transposition of female representations from the old world to the  
new world**

Bernardo Antonio Gasparotto<sup>1</sup>

**RESUMO:** presente artigo se propõe realizar uma análise relacionada à representação feminina nos primeiros textos produzidos em solo Americano, no período do “descobrimento” da América e primeiros contatos entre as culturas. Os principais textos de cronistas abordados são: Jean de Léry, *Viagem à Terra do Brasil*, de 1578; Hans Staden e *Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil*, de 1557; João de Azpilcueta Navarro, *Cartas avulsas*, de 1551; e Simão de Vasconcelos, com *Cronica da Companhia de Jesus do Estado de Brasil*, de 1663. Nessa abordagem nosso interesse é trazer à memória as formas como reagiram os europeus frente às diferenças culturais existentes no choque entre as culturas, especialmente frente à prática do canibalismo por parte dos autóctones, e a forma como os europeus transmitiram, pela escrita, essas experiências a seus conterrâneos. Apontando especificamente sobre a forma como são representadas as mulheres nos relatos em questão, sendo também trazidas algumas gravuras, produzidas à época dos primeiros contatos, que permitem a vinculação direta da autóctone que pratica o ritual antropofágico com a figura da bruxa que permeava o imaginário popular europeu da época. Auxiliam na fundamentação teórica do trabalho proposto: Manuel Fernández Álvarez, com *Casadas, monjas, ramerias y brujas: la olvidada historia de la mujer española en el renacimiento* (2002); Thomas Bonnici, com *No limite da feminilidade: assassinas e bruxas – a mulher na sociedade inglesa dos séculos XVI e XVII* (2003); e Kramer e Sprenger, com *O Martelo das Feiticeiras* (1486).

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropofagia; Choques culturais; Representações do feminino.

**ABSTRACT:** This article intends to perform an analysis related to the female representation in the first texts produced in American soil, in the period of the “discovery” of America and the first contact between cultures. The main texts of chroniclers approached are: Jean de Léry’s *Viagem à Terra do Brasil*, from 1578; Hans Staden’s *Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil*, from 1557; João de Azpilcueta Navarro’s *Cartas avulsas*, from 1551; and Simão de Vasconcelos’, with *Cronica da Companhia de Jesus do Estado de Brasil*, from 1663. In this approach, our interest is to bring to memory the ways that the Europeans reacted when facing the existing cultural differences in the shock between the cultures, especially when facing the practice of cannibalism by the

<sup>1</sup> Graduado em Direito pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (2005); Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Especialista em Arte e Educação pela UNIVALE. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel. Mestre em Teatro e Artes Cênicas pela Universidade de Vigo na Espanha. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel. Integrante do Projeto de Extensão: Estudos das Teorias Contemporâneas de Análise Literária, vinculado ao Programa PELCA. Membro do grupo de pesquisa: Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura.



autochthonous people, and the way that the Europeans transmitted, through writing, these experiences to their compatriots. Highlighting specifically the way the women are presented in the reports at issue, bringing also a few illustrations, produced at the time of the first encounters, which allow the direct link of the autochthonous woman that practices the anthropophagic ritual with the figure of the witch that permeated the European popular imaginary of that time. Supporting the theoretical foundation of the proposed paper: Manuel Fernández Álvarez's *Casadas, monjas, rameras y brujas: la olvidada historia de la mujer española en el renacimiento* (2002); Thomas Bonnici's *No limite da feminilidade: assassinas e bruxas – a mulher na sociedade inglesa dos séculos XVI e XVII* (2003); e Kramer e Sprenger's *O Martelo das Feiticeiras* (1486).

**KEYWORDS:** Anthropophagy; Cultural Shock; Female Representation.

Quando nos propomos a realizar uma averiguação sobre o espaço conferido à mulher no ritual antropofágico nas tribos que se encontravam em território americano no período do “descobrimento” e dos primeiros contatos entre os povos, temos que ter consciência do imaginário, usos e costumes que perpassavam a cultura que orientava o local que por ela seria ocupado bem como a sua construção representacional nesse lócus enunciativo. As discussões que envolvem a imagem da mulher na Europa no que diz respeito à sua atuação ao longo dos séculos XV e XVI são configuradas de forma dualista, “[...] *frente a las damas encumbradas (las grandes señoras de la Corte), las mujeres sencillas de la vida corriente. Frente a la rendida admiración, el brutal desprecio.*”<sup>2</sup> (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 77)<sup>3</sup>. De um lado as nobres, de outro as camponesas, por vezes enaltecidas e admiradas nas cantigas e por outras repelidas e relacionadas com os piores vícios. Nesse sentido, nos parece adequada a racionalização proposta por Baczcó (1985, p. 386):

[...] cada sociedade produz um sistema de representações que legitima tanto a ordem estabelecida quanto as atividades contra esta dirigidas. Entre essas representações ocupam um lugar à parte os símbolos e as imagens [...]. Podem-se encontrar imagens [...] nos vários tipos de representação que as nações, os grupos e as classes sociais, os partidários de uma religião ou de uma crença dão tanto de si quanto dos outros. Esse papel das imagens manifesta-se sobretudo nas situações de crise social e, em particular, durante as revoluções, que são sempre acompanhadas de uma explosão da imaginação social.

<sup>2</sup> Nossa tradução livre: [...] frente às nobres damas (as grandes senhoras da Corte), as mulheres simples da vida cotidiana. Frente à admiração rendida, o brutal desprezo.

<sup>3</sup> A obra de Manuel Fernández Álvarez, *Casadas, monjas, rameras y brujas, La olvidada historia de La mujer española en el Renacimiento*, publicada no ano de 2002, realiza um estudo aprofundado sobre as figuras que permeavam o imaginário espanhol e, em certa medida, europeu, no que diz respeito à atuação das mulheres em sociedade, como elas poderiam ser caracterizadas e que estigmas as acompanhariam, dependendo de sua atuação. Levando em consideração o pouco relevo conferido às personagens femininas na história do renascimento em qualquer parte do mundo ocidental, nos manuscritos historiográficos ou livros didáticos, a obra de Fernández Álvarez ganha importância por realizar um estudo cuidadoso sobre a posição das mulheres naquela sociedade bem como as alcunhas que lhes acompanhariam ao longo da vida devido a seus comportamentos.

Destarte, percebemos que a orientação no sentido de relacionar a figura feminina, em especial daquela estigmatizada, seja por marcas como a velhice, a feiura ou a não adequação aos usos e costumes estabelecidos como padrões na sociedade, com adjetivos que remetem a atividades sobrenaturais ou execráveis, é uma atitude esperada, uma vez que, na sociedade da época entre o medieval e o renascimento, a mulher tinha uma atuação totalmente secundária, pois, nesse contexto “[...] *la mujer carece de protagonismo fuera del hogar; en el hogar sí, allí está en sus dominios*”<sup>4</sup> (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 76). Sobre tais argumentos podemos observar que:

As bruxas são mulheres cuja imagem é aquém do ideal patriarcal da feminilidade [...], ou seja, algumas têm barbas, como as bruxas em *Macbeth*, outras são fisicamente tortas e acabrunhadas, como Sycorax em *The Tempest*, além de velhas, cegas e decrepitas. Em suma, as bruxas carecem de características femininas: atribuem-lhes xingações, imprecizações e blasfêmias. [...] Efetivamente são mulheres colocadas nas margens da sociedade, velhas, pobres, mendicantes, que falam e se retratam alternadamente diante dos tribunais. (BONNICI, 2003, p.102).

O próprio fazer literário foi impregnado pela figura da bruxa, tendo ela sido retirada de obras como o *Malleus Maleficarum*<sup>5</sup> (1484-1487), ou na tradição oral do povo. O que sabemos é que diversos autores, como é o caso de Shakespeare, mencionado na citação, possibilitaram a permanência e observação de como tal personagem era vista e interpretada por parte da sociedade: “[...] *el Arte y la Literatura han venido en nuestra ayuda, para representarnos cómo veía aquella sociedad o cómo se imaginaba a las brujas. Tres adjetivos las acompañan: viejas, feas, desastradas.*”<sup>6</sup> (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 304).

Diversas são as representações artísticas que retratam a imagem da bruxa seguindo tais atributos, e que a aproximam da autóctone canibal. Uma obra pictórica que apresenta a forma adotada na época é a chamada *Witch*, produzida no ano de 1518, pelo pintor Niklaus Manuel Deutsch. Segue:

---

<sup>4</sup> Nossa tradução livre: [...] a mulher carece de protagonismo fora do contexto doméstico; no lar sim, ali está em seus domínios.

<sup>5</sup> Traduzido para o português como “O Martelo das Bruxas” ou “O Martelo das Feiticeiras”, foi publicado originalmente em latim entre os anos de 1486 e 1487. A obra tem como autores os alemães dominicanos Heinrich Kraemer e James Sprenger, e foi desenvolvida com a finalidade de desenvolver um manual de combate aos males que se colocavam diante da sociedade cristã e do inquisidor que investigava os casos de heresia. Tal obra foi impulsionada pela bula papal Summis Desiderantis Affectibus de Inocência VIII. Dada a ligação da imagem da mulher à prática da bruxaria e da realização de pactos com o diabo, o *Malleus Maleficarum* foi usado como instrumento de perseguição, identificação e punição de milhares de mulheres ao longo do século XV e XVI. A obra se encontra dividida em três partes: a primeira informando sobre a relação mantida entre o diabo e a bruxaria; a segunda, a forma como proceder com o uso do *Malleus Maleficarum* no cotidiano; e, por fim, a maneira como desenvolver um julgamento e proferir sentenças e punições para aquelas que fossem condenadas.

<sup>6</sup> Nossa tradução livre: a Arte e a Literatura, vieram em nosso auxílio, para representar-nos como via aquela sociedade ou como se imaginava às bruxas. Três adjetivos as acompanham: velhas, feias e desastrosas.



(Imagem 1). *Witch* – Niklaus Manuel Deutsch, 1518.  
Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Niklaus\\_Manuel\\_Deutsch\\_-\\_Witch\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jp\\_g](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Niklaus_Manuel_Deutsch_-_Witch_-_Google_Art_Project.jp_g)>. Acesso em: 15/04/2015.

A feição agressiva, a nudez, a velhice e a feiura, são propriedades apresentadas, como podemos observar agora, na bruxa europeia, e que veremos também na imagem que segue, para a autóctone canibal.



(Imagem 2). Assado de Carne Humana Theodor de Bry 1592.  
Volume 17  
Número 36



Disponível: <<http://enciclopediavisual.blogspot.com.br>>. Acesso em: 15 de fev. de 2015.

Os cabelos longos, lisos e desgrenhados, o corpo decrepito, ausência de qualquer referência à vida na imagem, além das características já mencionadas, são atributos utilizados com frequência quando um artista propõe-se a pintar ambas as figuras, reforçando o imaginário social da época e garantindo, ainda mais, a aproximação entre as duas “personagens”.

Além dos atributos mencionados, outros tantos elementos são diretamente vinculados à palavra “bruxa”, como: feitiços, animais rastejantes; assim como alguns que possibilitaram a aproximação com a figura da autóctone antropófaga, o caldeirão e o cozimento de crianças. Manuel Fernández Álvarez (2002, p. 305) menciona que a população europeia, ainda na época da transição entre o medievalismo e o renascimento, mostrava-se atraída por tal assunto e enriquecia seu imaginário com estórias, lendas e produções artísticas:

*Los grabados de la época, en gran número anónimos y hechos toscamente, pero que circulaban ampliamente entre aquellas poblaciones semianalfabetas, recogen con frecuencia el tema de la brujería, como si fuera algo que obsesionara a las gentes; así a las brujas preparando sus maléficas pócimas en un caldero puesto al fuego, y donde no podían faltar las culebras o los sapos. [...] no faltan escenas de la crueldad de las brujas asando niños como si fueran corderos.<sup>7</sup>*

Naturalmente, se passa a designar à mulher atividades odiosas e vinculadas com as paixões e os vícios. São retratadas como agressivas e cruéis, capazes dos atos mais desumanos. Nos relatos de viagem promovidos pelos exploradores europeus que se aventuravam em terras americanas, nas representações dos rituais canibalescos, no que se refere às mulheres que participavam, são elas, com frequência, relacionadas com a figura mais aterradora que se poderia observar no contexto do qual partiam, qual seja: a da bruxa.

Theodor de Bry (1528-1598) foi um dos primeiros e mais conhecidos autores que retrataram imagens (produções publicadas a partir do ano de 1590) dos contatos iniciais entre os povos nativos e os exploradores europeus. Mesmo em uma observação singela de suas gravuras não há como deixar de perceber o papel que ocupa a figura da mulher, em especial as idosas nas diferentes etapas do ritual anteriormente descrito, uma vez que os artistas da época consideravam fundamental a relação estabelecida entre alma e corpo. Conhecendo-se

---

<sup>7</sup> Nossa tradução livre: As gravuras da época, em grande número anônimos e feitos toscamente, porém que circulavam amplamente entre aquelas populações semianalfabetas, recorrem com frequência ao tema da bruxaria, como se fosse algo que fosse uma obsessão para o povo; assim às bruxas preparando suas maléficas poções em um caldeirão posto ao fogo, e onde não podiam faltar as cobras ou os sapos. [...] não faltam cenas da crueldade das bruxas assando crianças como se fossem cordeiros.



essa peculiaridade, concebemos que, caso sejam retratadas de maneira decrépita, encanecida, com traços que sugiram corrupção, tais características serviriam para significar que aquele ser teria uma alma eivada de vícios, que havia dedicado sua vida ao pecado e a servir ao diabo. Aproximava-se, pois a imagem das autóctones idosas que aparecem participando do ritual canibalesco com a representação das bruxas do Velho continente. Aqui cabe trazer comentários realizados pelo padre Azpilcueta Navarro (1497-1566), no sentido proposto por essa aproximação:

[...] e indo eu visitar uma aldeia, vi que daquela carne cozinhavam em um grande caldeirão, e ao tempo que cheguei, atiravam fora uma porção de braços, pés e cabeça de gente, que era cousa medonha de ver-se, e seis ou sete mulheres, que com trabalho se teriam de pé, dançavam ao redor, espevitando o fogo, que pareciam demônios no Inferno. (AZILCUETA NAVARRO, 1988, p. 77-78).

Caso fosse excluído o referente relacionado ao “Novo Mundo”, a leitura de tal cena poderia ser relacionada, sem qualquer dificuldade, com a imagem que era produzida no imaginário do “Velho Mundo” sobre as temidas bruxas que aterrorizavam os pensamentos de muitos europeus.

Manuel Fernández Álvarez (2002, p. 288), utilizando-se de argumentação desenvolvida por Jules Michelet, em sua obra *La bruja. Una biografía de mil años fundamentada en las actas judiciales de la Inquisición*, publicada no ano de 1862, menciona os lugares em que poderiam ser encontradas as bruxas: “[...] se las encuentra, necesariamente, en lugares siniestros, aislados, malditos, entre ruinas y escombros. ¿Dónde habían de vivir, si no en las landas salvajes las infortunadas, de tal forma perseguidas, malditas, proscritas? La novia del Diablo [...]”<sup>8</sup>. Se levarmos em consideração que diversas das tribos canibais com que os exploradores se deparavam se encontravam em ambientes selvagens, isoladas em ilhas, por vezes desfavorecidas em relação à prática da agricultura, a aproximação das mulheres do continente americano com a bruxa europeia, tendo como referente o ambiente em que estavam localizadas, acaba sendo provável.

A mulher apresentaria uma tendência maior à prática da bruxaria devido a uma série de fatores apontados por Kramer e Sprenger, seguindo o imaginário europeu da época. Os autores afirmam que a capacidade intelectual feminina, seria desfavorecida, e, por isso, não teria ela condições de aprender filosofia, sendo que suas ações e condutas estariam direcionadas para a busca de vantagens e deleites, atuando premeditadamente de forma a

---

<sup>8</sup> Nossa tradução livre: [...] são encontradas, necessariamente, em lugares sinistros, isolados, malditos, entre ruínas e escombros. Onde haviam de viver, senão nas terras selvagens infortunadas, de tal forma perseguidas, malditas, proscritas? A amante do Diabo [...].



alcançar seus desejos ainda que por meio da manipulação e da mentira, usando seu corpo e outros recursos afim de sensibilizar e encantar os homens:

A razão natural é que ela é mais carnal que o homem, sendo justificável, a seus olhos, a maioria das abominações carnis. E deve ser notado que existiu um defeito na formação da primeira mulher, uma vez que ela foi formada de uma costela curva, ou seja, a costela do peito, à qual é arqueada como se fosse em direção contrária a um homem. Quando uma mulher chora, ela obra para iludir o homem. [...] Em consequência ela mostra que duvida e tem pouca fé na palavra de Deus. E tudo isso é indicado pela etimologia da palavra: pois *femina* procede de *fe* e *minus*, uma vez que ela é sempre fraca para manter a preservar a fé. Portanto, uma mulher é por sua natureza mais rápida em hesitar em sua fé, e conseqüentemente mais rápida em abjurar a fé, que é a causa da bruxaria (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 115).

Diante do exposto o que podemos notar é o reforço de uma prática social estabelecida em um contexto em que é difundida a fraqueza moral e espiritual da mulher, um modelo cultural específico, estabelecido desde os primórdios da religião católica que em sua obra basilar, a Bíblia, afirma que a própria criação da mulher se estabelece primariamente contra a vontade e o bem do homem, sendo a culpa do pecado original remetido à mulher que, voluntariamente ou não, teria tentado o homem com seus encantos para que este caísse em danação.

No que se refere ao ambiente e aos costumes adotados pelas praticantes de feitiçaria, existem representações pictóricas que realçam o que já mencionamos acerca de locais ermos, sombrios e selvagens, uma delas podemos observar a seguir:



(Imagem 3). *Witches* – Hans Baldung Grien. 1510.

Disponível em: <[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/pd/h/hans\\_baldung,\\_called\\_grien,\\_wi.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pd/h/hans_baldung,_called_grien,_wi.aspx)>. Acesso em: 15/04/2015.

Para além dos adjetivos físicos utilizados para retratar as mulheres na imagem número 3 (excetuando os cabelos loiros), as “bruxas” de Hans Baldung Grien, sentadas nuas, em meio ao que nos parece um ritual, cercadas de utensílios rústicos, e elementos que denotam um tom sombrio, vinculado à morte, com os ossos, o que parece ser uma floresta, aparentemente, isolada, no período noturno, envoltas por animais estranhos, não reconhecíveis, além de uma névoa que reforça a ideia da feitiçaria, ou ao menos relacionado com algo que se encontra fora dos padrões sociais e religiosos de sua época, apresentam características que em muito se assemelham às representações das artes plásticas acerca dos rituais antropofágicos (como podemos observar na imagem 2). Com exceção do ambiente noturno, as demais podem ser encontradas, senão em retratos da prática do canibalismo, ao menos em outras gravuras que se propunham descrever os hábitos e costumes das tribos autóctones com que os exploradores europeus travavam contato.

Quando relacionada à imagem da autóctone com a da bruxa europeia, estas eram acusadas de, por vezes, manterem relações carnis com animais, bem como usá-los em rituais para a invocação de demônios para que com elas mantivessem conjunção carnal. Não era apenas a alma profanada, mas também o corpo: “[...] no culto de homenagem ao diabo, há





necessidade de entregar-lhe o corpo e a alma" (2010, p. 219). A presença de animais em representações pictóricas de mulheres americanas não se dá tão somente por uma percepção isenta e meramente exótica em relação ao novo ambiente que se apresentava, o imaginário europeu da época permite também a aproximação com as produções europeias que eram desenvolvidas em relação às bruxas, aproximando ambas as figuras no que diz respeito a presença de animais e ao ambiente selvagem e ermo em que são representadas.

A nudez é evidenciada nas representações pictográficas tanto das bruxas quanto das autóctones, assim como ocorre com as suas figuras nas obras literárias. Em ambos os casos o corpo é sempre retratado (ainda que por vezes decrépito e corrupto, envelhecido e decadente) muito limpo e aparentemente bem cuidado sendo esta uma das características mais observadas e apontadas por aqueles que se propõem a retratar os atributos físicos. Tal característica é muito significativa quando nos lembramos do contexto em que foram produzidas tais obras, a Idade Média e Renascimento foram momentos em que a autoridade religiosa, com seus dogmas e tribunais, se manifestava como instituição com o poder mais estável e coercitivo existente no período. Assim, notamos que devido ao discurso dualista da Igreja, em especial nesse caso no que diz respeito à relação entre corpo e espírito, em que se vincula o cuidado a este como algo sublime e enaltecido, digno de purificação da alma; e o cuidado para com aquele como algo vexatório e pecaminoso, dado ao fato de que todos os vícios se manifestam e advém do mesmo, tais como a luxúria, a vaidade, a preguiça, a gula, a ira e o orgulho que são assinalados como sentimentos e paixões produzidas pelo corpo e órgãos do sentido que expressam e dão significado ao mundo experimental, enquanto que a alma encontra-se em um mundo imaterial que, a princípio, se colocaria isolada da influência perniciosa do mundo material. Fica evidenciado que o pecado se aproxima das potencialidades apresentadas pelas paixões que estão vinculadas ao material e ao corpóreo, raciocínio que resultou em uma visão extremada de repúdio ao que estava vinculado ao corpo. Mesmo o ato de tomar banho não era bem visto pelos verdadeiros cristãos. Tal perspectiva leva a uma ligação da ideia do cuidado com o corpo com uma união com o prazer, ou ao menos maior probabilidade, pelo cometimento de pecados, podendo em alguns casos, em especial quando se referissem a mulheres que se posicionavam de forma distinta da desejada pela sociedade pretendida pela igreja e pela nobreza, promover uma aproximação com a ideia da bruxaria. Juízo esse que foi estendido de forma totalmente descontextualizada ao ambiente americano, de natureza tribal e desconhecedor de qualquer princípio ou valor europeu. Em um ambiente libertário aos olhos do explorador, a mulher autóctone foi imediatamente tomada como rameira ou bruxa, dependendo única e exclusivamente da necessidade daquele.

Segundo uma menção realizada no *Martelo das feiticeiras*, do texto "De Ecclesiasticis Disciplinis" atribuído a Regino de Prum, na seção 364, notamos uma forte relação com a imagem 3:

[...] certas mulheres abandonadas que dançam ao redor de Satã, sendo seduzidas por ilusões de fantasmas e demônios, e acreditam e professam abertamente, que nas horas mortas da noite, cavalgam em algum tipo de besta com a deusa pagã Diana e inúmeras hordas de mulheres, e que nestas silenciosas horas, galopam por vastas áreas de seu país, obedecendo seu amante, enquanto que em outras noites, saem sozinhas a pagar-lhe homenagem [...]. (KRAMER; SPRENGER, 2010 p.118).

Tal imagem apresenta também íntima relação com a passagem de Azpilcueta Navarro (1988, p. 77-78), mencionada acima, uma vez que as palavras do padre parecem descrever o quadro em questão, uma vez que se refere à alegria e à agitação das mulheres ao redor do fogo e do caldeirão em que se coze. Ambas, a descrição do cura e a obra de Grien, buscam a produção de um efeito amedrontador e aproximado da relação do que se descreve com práticas ou elementos ligados ao inferno.

A imagem da bruxa ganhou força e relevância social graças a grande influência da Igreja sobre a sociedade, que tratou de disseminar tal ideia com a produção da obra *Malleus Maleficarum*, escrita entre 1484 e 1487, pelos sacerdotes dominicanos alemães Jacob Sprenger e Heinrich Kramer, inclusive em uma de suas traduções para o português do Brasil, apresentou como ilustração de capa a obra *Witches*, de Hans Baldung Grien, de 1510 (imagem 3, observada acima). Esta pode ser considerada como um manual para identificação da prática da bruxaria e a expiação de quem a exercesse. Segundo Débora Bernardo (2003), ao ler-se o livro mencionado, percebe-se que se tratava de um ato que era perpetrado, predominantemente, pelo gênero feminino, fato que era respaldado na seguinte argumentação:

A própria etimologia do termo femina constitui-se de fe e minus, ou seja, menos fé, pois se acreditava que a mulher fosse mais fraca na preservação da fé. Essa característica levaria a outros comportamentos femininos reprovados pela Igreja. Os inquisidores falam de alguns homens que propuseram explicações para serem, as mulheres mais propensas à bruxaria. Dentre esses motivos figuram sua maior credulidade, sua natureza impressionável e, por isso, mais sujeita à influência de espíritos descorporificados, bem como sua língua traiçoeira que as leva a contar às companheiras tudo o que aprendem pelas artes malélicas. (BERNARDO, 2003, p. 63).

Com base em percepções marcadamente unilaterais, produzidas em um contexto masculino, tanto no que diz respeito ao domínio econômico, quanto político e intelectual, discorriam sobre a fragilidade e outros vícios e atitudes degradantes, como o deslumbramento



fácil e a incapacidade de guardar o silêncio. Tais características são buscadas e fundamentadas por Kramer e Sprenger, na autoridade de filósofos e grandes nomes:

Acreditava-se que o próprio corpo feminino, em sua essência e mistério, possuísse poderes maléficos. Utilizando Aristóteles (384-322 a.C.), que afirma terem as mulheres menstruadas o poder de capturar impurezas através do olhar, Kramer e Sprenger ressaltam que essas impurezas são devolvidas para aqueles a quem as mulheres desejam o mal. Essa maldade no olhar encontra-se, principalmente, em velhas cujo espírito está inflamado pela cólera. (BERNARDO, 2003, p. 66).

Características femininas são levantadas como espécies de fatos que permitem, ou ao menos facilitam, o relacionamento do gênero feminino com a bruxaria. Sendo que tanto um olhar ameaçador quanto o ato natural da menstruação são tidos como elementos indesejáveis e mesmo perniciosos para a manutenção da harmonia social. Ainda, reforça-se o adjetivo referente à idade avançada, em conjunto com a forma de olhar, como sendo indícios passíveis da promoção da bruxaria. Elementos esses, em especial, o da velhice que também é observado e permite a efetivação do vínculo da bruxa com a autóctone devoradora de carne humana.

Quando observamos os termos “a noiva do Diabo” de Jules Michelet, mencionados em citação anterior, não podemos nos afastar da ideia da prática da sexualidade, elemento muito significativo para a caracterização de uma mulher enquanto “bruxa”. No *Malleus Maleficarum* temos a especificação de três vícios fundamentais para a consubstanciação de uma mulher perversa, quais sejam:

[...] a infidelidade, a ambição e a luxúria. São estas, portanto, mais inclinadas que as outras à bruxaria, por mais se entregarem a tais vícios. Como dentre esses três vícios predomina o último, por serem mulheres insaciáveis etc., conclui-se que, dentre as mulheres ambiciosas, as mais profundamente contaminadas são as que mais ardentemente tentam saciar a sua lascívia obscena [...] (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 123).

Outro momento há em que os autores vinculam diretamente a luxúria com a prática da bruxaria, sendo aquela o ponto de impulso originário desta, sendo o foco do argumento o gênero feminino, enquanto provido de um libido desmedido, como bem podemos observar: “Toda bruxaria vem da luxúria carnal, na qual as mulheres são insaciáveis. Uma coisa nunca é satisfeita: a boca do útero.” (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 114).

A relação mulher-sexualidade-bruxaria é um tema constante no Martelo das feiticeiras, o que leva diretamente ao estabelecimento da união da imagem da bruxa com a autóctone, uma vez que esta apresentava hábitos sociais diversos dos esperados para os padrões



européus, mais libertários em relação às práticas existentes no contexto em que estavam inseridas. Sobre a relação mencionada temos que a mulher, mais especificamente a bruxa:

Ela é mentirosa por natureza, assim, em sua fala ela nos atormenta enquanto nos delicia. Eis porque a sua voz é como o canto das sereias, as quais com sua doce melodia seduzem os viajantes e os matam. Pois ela mata-os esgotando as suas forças, consumindo a sua resistência e fá-los renegar a Deus. [...] E como diz São Bernardo: sua face é um vento incendiário e sua voz o sibilar das serpentes: mas elas também atiram perversos encantamentos sobre inúmeros homens e animais. Em conclusão, toda bruxaria provém da luxúria carnal, a qual na mulher é insaciável (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 121).

O manual de Kramer e Sprenger, afirma a incidência de conjunções carnis entre bruxas e demônios, sejam elas realizadas em reuniões secretas, seja de maneira a firmar o pacto e permitir a propagação da prática da bruxaria. Nestes termos observamos que ocorre a criação de uma série de quesitos a serem analisados para que se estude a relação sexual estabelecida entre a bruxa e o demônio, reforçando a crença da ocorrência de tal ato:

Quanto à forma de as feiticeiras copularem com íncubos, cumpre ressaltar seis pontos. Primeiro: quanto ao demônio e à forma que assume - de que elemento é composta. Segundo: quanto ao ato, se é sempre acompanhado da injeção de sêmen recebido de algum outro homem. Terceiro: quanto ao momento e ao lugar, se há momentos mais propícios do que outros para o ato. Quarto: se o ato é visível para as mulheres ou se só as geradas dessa forma é que são visitadas pelos demônios. Quinto: se o ato só é praticado pelas que foram oferecidas pelas parteiras aos demônios por ocasião do nascimento. Sexto: se o prazer venéreo alcançado é mais ou menos intenso. (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 231).

Nesse sentido nos parece relevante ressaltar a importância dada a questões voltadas ao pecado da luxúria e ao estabelecimento de relações sexuais, bem como levantar um ponto que diz respeito ao fato de que se observarmos os diplomas legais propostos pela Igreja Católica – em seus dois principais regulamentos, quais sejam: o decálogo e os sete pecados capitais – em nenhum deles é feita referência ao ato em si da ingestão de carne humana. Nesse sentido, percebemos o raciocínio desenvolvido por Carlos Jáuregui (2008), no sentido de que a recriminação desse ato se dava muito mais pela vinculação de tal prática a pecados que o acompanhariam, como a gula e a luxúria. Sobre isso, temos que:

*En el siglo XVI el canibalismo americano fue condenado más bien mediante su caracterización como práctica asociada a la idolatría y a la brujería, y aprovechando la visión judeocristiana de lo femenino como origen del pecado y de la pérdida del paraíso; igualmente, pecados como la gula y a*



*lascivia, teológica, cultural e iconograficamente associados a imágenes de mujeres, fueron trasladados al campo de significación/representación del canibalismo.*<sup>9</sup> (JÁUREGUI, 2008, p. 56).

Com base nessa associação do canibalismo, principalmente, com pecados capitais, bem como com a prática da idolatria e da bruxaria, que se colocariam diretamente contra “não adorar outros deuses” e “amar Deus sobre todas as coisas”, presente no decálogo, partiu-se para uma guerra contra o exercício de tais práticas, em especial, vinculando-as com a imagem feminina.

A ligação da mulher idosa ao espírito corrompido é desenvolvida, também, pelos cronistas encarregados de produzir as imagens sobre a terra e a gente do Novo Mundo. Jean de Léry (1961) descreve-a como um ser com uma fome voraz, imagem intimamente ligada com o pecado da gula, que promove e instiga a prática canibalesca entre os habitantes da tribo com furor e alegria. Tal caracterização pode ser observada nesse fragmento do relato do cronista: “Em seguida, as outras mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte dos prisioneiros, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme.” (LÉRY, 1961, p. 157).

As características imputadas às mulheres idosas estão intimamente relacionadas com a degradação do espírito e a consumação de pecados capitais, como é o caso da gula, que é mencionada diretamente no texto citado, que leva ao desejo de morte do prisioneiro. A voracidade inculcada à figura feminina pode ser ligada à ira ou mesmo à luxúria, no caso da impressão de produção de prazer que o ritual lhes proporciona. No entanto, a correlação com os pecados capitais é quase apagada quando imaginamos o retrato completo da cena de preparo, do que era um ser humano, para a devoração.

Ainda tratando de impressões produzidas por cronistas sobre as distintas etapas do canibalismo, temos o relato de Simão de Vasconcelos, jesuíta que esteve na América, em sua obra *Chronica da Companhia de Jesus* (1864), abordando a participação ativa do elemento feminino de idade mais elevada no cerimonial. Ele produz o seguinte comentário acerca do ritual canibalesco:

[...] logo que o triste prezo vai sahindo do carcere para a morte, é costume irem recebê-lo à porta seis, ou sete velhas mais feras que tigres e mais immundas que Harpyas, de ordinario tão envelhecidas no officio, como na idade, passante de cem annos que assim as escolhem. Vão cubertas com as primeiras roupas de nossos pais primeiros, mas pintadas todas de um verniz

---

<sup>9</sup> Nossa tradução livre: No século XVI o canibalismo americano foi condenado mediante sua caracterização como prática associada à idolatria e à bruxaria, e aproveitando a visão judaico-cristã do feminino como origem do pecado e da perda do paraíso; igualmente, pecados como a gula e a lascívia, teológica, cultural e iconograficamente associados a imagens de mulheres, foram trasladados ao campo de significação/representação do canibalismo.



vermelho, e amarelo, com que se dão por muito engraçadas: vão cingidas pelo pescoço e cintura, com muitos, e compridos collares de dentes enfiados, que tem tirado das caveiras dos mortos, que em semelhantes solemnidades tem ajudado a comer: e para maior recreação vão ellas cantando, e dançando ao som de certos alguidares, que levam em as mãos para effeito de receber o sangue, e juntamente as entranhas do padecente. (VASCONCELOS, 1864, p. 55).

As mulheres são descritas com tamanha gula que remetem a uma aparência de ansiedade e prazer, buscando aproveitar-se de tudo que é possível daquele que está para ser comido, desde o sangue até as entranhas. Tal aspecto relaciona-se harmonicamente com o que veremos nas gravuras de Theodor de Bry (1590), principalmente no que diz respeito às ações e participações do elemento feminino nas cerimônias canibais.

Auxilia na crítica realizada por religiosos e cronistas da época em relação à representação da figura feminina o fato de que, diferente das devotas e submetidas senhoras com que os europeus estavam acostumados a lidar, acabaram travando contato na América – em especial no que é hoje o território brasileiro – com uma realidade distinta: “mulheres a seus olhos amorais, sedutoras e acima de tudo disponíveis e nuas” (GAMBINI, 2000, p. 132).

Simão de Vasconcelos prossegue em sua descrição da participação das mulheres idosas no ritual canibalesco, abordando um episódio em que um padre da Companhia de Jesus chega a uma aldeia e vai ter com uma índia que está prestes a morrer. O relato é o seguinte:

[...] penetrando uma vez o sertão, chegando a certa aldêa, achou uma Índia velhissima no ultimo da vida; catechizou-a naquelle extremo, ensinou-lhe as cousa da fé... lhe disse minha avó (assim chamam às que são muito velhas) se eu vos déra agora um pequeno de assucar, ou outro bocado de conforto de lá das nossas partes, do mar, não o comerieis? Respondeu a velha, catechizada ja: Meu neto, nenhuma cousa da vida desejo, tudo já me aborrece; só uma cousa me pudéra abrir agora o fastio: se eu tivéra uma mãozinha de um rapaz Tapuya de pouca idade tenrinha, e lhe chupára aquelles ossinhos, então me parece tomára algum alento: porém eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um destes [...]. (VASCONCELOS, 1864, p. 32).

Neste trecho fica evidenciado que a índia velha está praticamente viciada em carne humana. Tal hábito durante a vida teria corrompido sua alma, tornando-a, mesmo à beira da morte, uma pecadora contumaz ao ter como último desejo o prazer de saborear uma mão de criança. Assim, mesmo convertida, não abandonara seu gosto pelos antigos costumes. Tal relato, por óbvio, chocava a civilização europeia, que se colocava num limite moral diametralmente oposto, e se encontrava disposta a extirpar tal posicionamento das terras com que travava contato mais direto e as quais visava comandar.



A alimentação de carne humana, em especial de uma criança, era vista com ojeriza e se repudiava e punia gravemente quem a praticasse. Segundo Débora Bernardo (2003, p. 69), ao ler o *Malleus Maleficarum* (1484-1487), de Kramer e Sprenger, pode-se notar que:

[...] entre todas as bruxas, as piores são [...] as que matam e devoram crianças. Essa espécie poderosa firma seu pacto com o Diabo em uma cerimônia solene, na qual renega a fé e depois se entrega a ele de corpo e alma, através da cópula carnal [...] tais mulheres cozinhavam e comiam os próprios filhos pequenos, durante rituais para iniciar novas discípulas na bruxaria.

Ao levarmos em consideração a informação trazida na obra europeia do século XV – em que se explicita como um dos atos da bruxa europeia a devoração de crianças –, notamos que o aventureiro europeu relacionava ambas as figuras (a da bruxa com a da autóctone, em especial a idosa, que participasse do ritual antropofágico). Percebemos que as representações sobre mulheres velhas nesses relatos simbolizam os vícios considerados mais degradantes. Assim como ocorre com as bruxas, as índias mais velhas apresentam o corpo com características de deterioração e corrupção. Isso se dava, segundo a concepção europeia da época, em decorrência de uma vida voltada aos costumes pecaminosos praticados em suas tribos. Elas são símbolo da acumulação de “vícios” que se refletem na imagem deteriorada de seu corpo, como reflexo do estado da alma e do espírito. Características semelhantes são imputadas às bruxas do “Velho Mundo”:

*Cualquier vieja que viviera aislada y que, por su propia miseria física y económica, era ya una ruina de mujer, desastrada, desdentada, desgredada y vestida con harapos, tenía una apariencia tan horrible que al punto como tal se la trataba, tanto más que su propia miseria, sus achaques y sus carencias le hacían comportarse desabridamente.*<sup>10</sup> (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 304).

Notamos a dureza e assertividade na observação dos atributos imputados às representações da bruxa e da canibal. Trata-se de predicados genéricos, que podem caber a um vasto número de mulheres, velha, feia e decrépita, ou detentora de uma moral não convencional para os moldes religiosos da época. Eram motivos suficientes para que se desse a estigmatização, bem como a sobreposição das ideias que vinculavam ambas as figuras. No caso da obra europeia *O martelo das feiticeiras*, temos a união do predicado da velhice com o ato de compactuar com o demônio:

---

<sup>10</sup> Qualquer velha que vivesse isolada e que, por sua própria miséria física e econômica, era já uma ruína de mulher, desastrosa, desdentada, desgredada e vestida com farrapos, tinha uma aparência tão horrível que como tal se tratava, tanto mais sua própria miséria, suas enfermidades e suas carências lhe faziam comportar-se asperamente.

[...] se o espírito de alguém se encontra inflamado de malícia ou cólera como ocorre com freqüência nas velhas, o espírito perturbado olha através de seus olhos, pois seu semblante é muito maligno e danoso, e com freqüência aterrorizam as crianças de tenra idade com extrema impressão. E é possível que muitas vezes isso seja natural, permitido por Deus; mas, por outro lado, pode ser que estes olhares sejam, muitas vezes, inspirados pela malícia do demônio, com quem as velhas bruxas estabeleceram algum contrato secreto. (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 59).

Alguns elementos mencionados acima podem ser observados em pinturas realizadas ainda em meados do século XVII. As produções dos cronistas, bem como gravuras de autores como Theodor de Bry, mostram-se contundentes e promotoras de um discurso que acaba se espalhando e perpetuando por longo tempo na cultura da civilização europeia. Isto resta evidente quando se põe atenção a obras como a que segue, produzida por Albert Eckhout, no ano de 1641, com exceção do elemento relacionado à idade (velhice) da personagem retratada, vários aspectos relacionados à representação da mulher como elemento pecaminoso podem ser identificados. Observemos a imagem em questão:



(Imagem 4). *Índia Tarairiu (Tapuia)* - ECKHOUT, Albert. Óleo sobre tela, 1641, 266x159 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.  
Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/midioteca/publicacao/?id=58774&>>. Acesso em: 12 de fev. de 2015.





Nesta produção percebemos que a personagem central da obra está sendo representada em uma postura que poderia ser comparada com a qual se apresentaria uma dama europeia, situada em um ambiente ligado à natureza, em um bosque. No entanto, além do fato de se tratar de uma indígena praticamente nua, os detalhes na mão e no cesto que leva preso à cabeça são os responsáveis pelo afastamento imediato de tal julgamento.

O modelo estético de representação pode ser o canônico europeu, em que se desenvolve um traço proporcional e aproximado dos padrões das obras europeias com, por exemplo, a proporção de o corpo ter sete vezes o tamanho da cabeça, caracteres estes que não poderiam ser distintos, uma vez que os autores das obras que se perpetuaram até a contemporaneidade eram europeus iniciados nas escolas e propostas estéticas existentes no “Velho Mundo”, (tornando a leitura mais fácil para o público alvo), mas o que é retratado, seu conteúdo, promove a perpetuação de um discurso de apologia ao julgamento da barbárie que se estabelece na América, no sentido de que é tão natural no “Velho Mundo” se coletar frutos, quanto no “Novo” o é buscar partes de corpos humanos para a alimentação.

Observamos a impressão paradisíaca que é representada na gravura. O ambiente é pacífico, o cachorro que acompanha a mulher é apresentado de modo servil, entre as pernas da autóctone, que aparenta despreocupação e placidez, recordando a imagem de santos, como São Francisco de Assis, que são ilustrados, na tradição católica, com grande empatia em relação aos animais que os cercam.

O ambiente apresenta poucas plantas e apenas uma árvore, sendo que os frutos que a compõem apresentam um formato fálico, produzindo um sentido de erotismo, bem como de se tratar de um ambiente naturalmente propício ao desenvolvimento das liberdades carnisais. A indígena é representada usando como vestimenta apenas uma folha que cobre a genitália, remetendo, de certa forma, às imagens de Eva no paraíso. Essa característica, além de demonstrar um costume local, também é uma clara referência ao texto bíblico, o que possibilita uma evidente intertextualidade com a ideia do homem em um estado que seria aproximado ao de Adão e Eva, pouco após terem sido expulsos do paraíso, e que aquele espaço poderia ser uma espécie de paraíso outrora perdido e que, naquele momento, era possível ser reconquistado.

No entanto, notamos que, embora nada na imagem revele qualquer impressão de ameaça ou perigo, tal efeito se produz com a observação do que a autóctone carrega no cesto de coleta e em uma de suas mãos: as partes de um corpo humano. Tal constatação afasta-a totalmente das práticas e costumes inerentes ao povo europeu, ou, ao menos, da visão que querem construir de si. A estética da obra se baseia nos moldes europeus, tornando a gravura



mais acessível para os habitantes de seu contexto de produção e àqueles que travassem contato com a mesma, relegando ao conteúdo, ao que é representado na obra, o efeito de afastamento para com a cultura dos povos da América.

Outro episódio significativo sobre as atividades exercidas pelas indígenas pode ser observado durante o tempo em que Hans Staden permaneceu cativo na tribo tupinambá. Relata o aventureiro que as índias o levavam para dançar e participar de diversos ritos. Percebemos, pela leitura de suas memórias, uma consistente atuação das mulheres no decorrer dos rituais. Isso levou o alemão a dar atenção a elas em seus escritos, mas, de certa forma, utilizando como parâmetros de descrição, observação e comparação o que ele tinha de mais próximo em sua cultura. Por isso, por vezes, a imagem da autóctone acaba sendo aproximada à da bruxa. O cronista informa que as principais funções sociais relegadas às autóctones eram as de tratar das colheitas, em especial da mandioca, preparar rituais, cantar e dançar enquanto batiam nos prisioneiros, processo este que teria sofrido durante sua estada na tribo. Relata sobre tal episódio nos seguintes termos, com que ressalta a agressividade e violência da forma como tal cerimônia é cometida:

Puxaram-me para fóra, pelas cordas que ainda tinha ao pescoço, até a praça. Viéram todas as mulheres que havia nas sete cabanas e me levaram, e os homens se fôram embóra. Umas pegaram-me nos braços, outras nas cordas que tinha ao pescoço, de forma que quasi não podia respirar. Assim me levaram; eu não sabia o que queriam fazer de mim e me lembrava do sofrimento do nosso redemptor Jesus Christo, quando era maltratado innocentemente pelos infames judeus. (STADEN, 1930, p 69-70).

Nesta citação verificamos que o elemento agressivo e brutalizante tem início com a ação das mulheres que atuavam, segundo o discurso do relator, sem piedade, inclusive, adotando o uso da corda para obrigar a movimentação e a punição do prisioneiro, considerando-o como se fosse um animal.

Outro ponto que merece destaque é a comparação realizada por Hans Staden, na qual se aproxima a figura de Jesus Cristo à sua própria, no momento de seu sofrimento imputado pelas mãos dos autóctones. Promove-se um enaltecimento de sua imagem em detrimento da realização de um duro ataque efetivado contra as mulheres autóctones que participavam do episódio, uma vez que estas são relacionadas com as figuras dos judeus quando exerciam o ato de ataque e desprezo ao salvador e modelo de virtude e comportamento da cultura cristã europeia. Tendo consciência de que os judeus eram um povo perseguido e rechaçado nos territórios europeus católicos da época, compreendemos o efeito pernicioso produzido pela



promoção de uma comparação entre as mulheres indígenas e os judeus. O preconceito, a ojeriza e a perseguição se expandem para essa parcela populacional também.

Como podemos perceber, os relatos escritos, produzidos pelos cronistas ou viajantes, sobre as novas terras e suas gentes acabam atuando como promotores de distâncias para afastar cada vez mais o “Novo” do “Velho Mundo”, e impossibilitar a compreensão da cultura nativa ou, ao menos, o reconhecimento dos nativos como indivíduos merecedores de respeito e livres para conduzirem suas vidas.

O mesmo processo se dá com a figura da mulher, que é vinculada a referentes marginais para a cultura europeia, como é o caso dos judeus, bem como a atitudes agressivas e primitivas, como bater, punir e devorar os prisioneiros, não como obrigações, mas, sim, como atitudes que produzem prazer, distinguindo-as, assim, da figura angelical da mulher-mãe idealizada da mulher europeia, considerada a “*perfecta casada*”:

[...] *las cualidades que se esperaban de La perfecta casada: ser complaciente, siempre fiel y con buen semblante, entre sumiso y enamorado; con carácter firme ante los hijos, más bien severa que tierna y bondadosa, a fin de enderezarles en sus principios, vigilante con el servicio, para que cumpliera con sus obligaciones, y diligente en el gobierno de la hacienda. Sin olvidar de una de sus mayores obligaciones: ser buena paridera, en especial de hijos varones.*<sup>11</sup> (FERNÁNDEZ ÁLVARES, 2002, p. 120).

A imagem feminina referente à nativa americana é vinculada à promoção dos vícios e ao pecado, a gula e a luxúria acompanham várias das representações trazidas nos relatos e nas gravuras produzidos pelos homens exploradores da época. Nesse contexto, a ponte realizada dessas imagens com a ideia da bruxa europeia apenas auxilia na produção do afastamento e repulsa por parte da cultura e população receptora dessas missivas e imagens.

#### REFERÊNCIAS:

AZPILCUETA NAVARRO, J. de. *Cartas avulsas*. 1550-1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1988.

BACZCO, B. Imaginação social. In.: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 296-332.

BERNARDO, D. G. A bruxaria e as mulheres. In: *Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos*. Org. Peter Johann Mainka. Maringá: Eduem, 2003.

---

<sup>11</sup> Nossa tradução livre: [...] as qualidades que se esperavam da esposa perfeita: ser complacente, sempre fiel e com semblante sereno, entre a submissão e o amor; com caráter firme perante os filhos, mais severa que terna e bondosa, para bem direcionar-lhes em seus princípios, cuidadosa com o serviço, para que cumpra suas obrigações, e diligente na administração do lar. Sem esquecer de uma de suas maiores obrigações: ser boa parideira, em especial de filhos varões.



BONNICI, T. No limite da feminilidade: assassinas e bruxas – a mulher na sociedade inglesa dos séculos XVI e XVII. In: *Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos*. Org.: Peter Johann Mainka. Maringá: Eduem, 2003.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M. *Casadas, monjas, ramerias y brujas: la olvidada historia de la mujer española en el renacimiento*. Madrid: Espasa Calpe, 2002.

HOLANDA, S. B. de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1969.

JÁUREGUI, C. A. *Canibalia: Canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consumo em América Latina*. Iberoamericana-Vervuert: Madrid-Frankfurt, 2008.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. *O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2010.

LÉRY, J. de. *Viagem à Terra do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 1961.

STADEN, H. *Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil*. São Paulo: 1900.

VASCONCELOS, S. de. *Chronica da Companhia de Jesus do Estado de Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1864.

Data de recebimento: 21/05/2016

Data de aprovação: 15/06/2016